

APRESENTAÇÃO

Deslocamentos espaciais ou culturais e sua representação ficcional

As mobilidades espacial ou cultural estiveram, desde sempre, presentes na história humana. Entretanto, alguns acontecimentos de ordem mundial colaboraram, ao longo dos tempos, para sua intensificação: as diferentes políticas de expansão imperialista que se deram e ainda se dão, o intenso trânsito de pessoas nos diversos momentos de guerra ou pós-guerra, os processos crescentes da globalização. Os deslocamentos espacial ou cultural dos sujeitos não se fazem, contudo, sem a articulação entre memória e identidade, e a definição identitária depende da percepção, da alteridade e da diferença, implicando, queira-se ou não, ranhuras, fissuras, fraturas, rupturas ou, mesmo, perdas. Assim, partindo dessas premissas mais gerais e tendo em vista a representação ficcional, em sentido lato, dos deslocamentos aqui tomados para ilustração ou de quaisquer outros que deles se avizinhem, o nº 32 do *Caderno Seminal*, dedicado aos Estudos de Literatura, cuja temática aborda os **Deslocamentos espaciais ou culturais e sua representação ficcional**, conta com a publicação de 16 artigos.

Os artigos de Lucia Helena, “Naufrágio: metáfora da existência”, de Janaína da Silva Sá, “Nomadismo, deslocamentos

e trajetórias errantes: identidades em jogo na narrativa de Carolina Maria de Jesus”, de Marcus Rogerio Salgado, “Mobilidade urbana e cidadania em dois contos de Ferréz”, de Dionei Mathias, “A imagem do imigrante: reinvenção, passado e voz”, de Tito Matias-Ferreira, “Written on the border: Yolanda García’s hyphenization in Julia Alvarez’s ‘Antojos’”, de Roniê Rodrigues da Silva, “A pulsão da errância, o devir-mulher e a potência da arte em *A doce canção de Caetana*”, independentemente da literatura nacional que abordam, partem de deslocamentos espaciotemporais, para, a partir desses, inferir acerca de diferentes deslocamentos socioculturais e suas implicações sobre o sujeito.

Não tão distantes desses primeiros textos, no que se refere às espacialidades espaciotemporais em trânsito e suas consequências na espacialização sociocultural, mas enfrentando, específica e particularmente, o colonialismo, o pós-colonialismo e as diversas implicações de poder que sempre permearam as relações históricas entre o Velho e os Novos Mundos, têm-se outros que, de diferentes modos e maneiras, focalizam essas singularidades próprias ou apropriadas pela voz de um outro sujeito, outrora sujeito outro da História. Nessa seara, inscrevem-se “Desmundo: uma experiência de exílio e (re)construção identitária”,

de Ieda Maria Sorgi Pinhaz Elias e Cíntia Roberto Marson, “Migração, identidade e reterritorialização em *Precisamos de novos nomes*, de Noviolet Bulawayo, e ‘No seu pescoço’, de Chimamanda Ngozi Adichie”, de Shirley de Souza Gomes Carreira e Victória Cristina de Sousa Bezerra, e “Entre a África e a Europa: deslocamento e fragmentação identitária em *A menina Ícaro*, de Helen Oyeyemi”, de Diego Bonatti e Denise Almeida Silva.

Percorrendo sentidos esgarçados do que se vem tratando por diáspora, com o que se têm imposto deslocamentos na significação desse termo-conceito, implicando novas representações culturais, com entendimentos mais vastos e ampliados, há, ainda, os artigos que refletem sobre migrações de ordens variadas, sejam empírica, sejam metaempiricamente apreensíveis e localizáveis. Esses textos falam de locais e culturas, de aqui e ali, de aquém e além, de semelhantes(ças) e dessemelhantes(ças), em diálogos espaciais, temporais ou espaciotemporais. Enquadram-se nesse universo mais elástico, “A personagem fracassada no romance de 30 em algumas narrativas do deslocamento”, Pedro Barbosa Rudge Furtado, “Identidade nas colônias alemãs do RS: uma leitura de *Valsa para Bruno Stein*, de Charles Kiefer”, de Cristiane da Silva Barcelos e Alessandra

Paula Rech, “Deslocamentos identitários e nomeação no romance *Circle of amber*”, de Marcia Sipavicius Seide, “Travessias, deslocamentos: apontamentos sobre a escrita migrante em *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho”, de Paulo César Silva de Oliveira, “Racismo e construção identitária do sujeito híbrido em *Autobiografia de um ex-negro*, de James Weldon Johnson”, de Leonardo Júnio Sobrinho Rosa e Luiz Manoel da Silva Oliveira, “Deslocamentos identitários a partir do sertão no romance *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito”, de Daniela Barbosa de Oliveira, e “¡Que viva la música! de Andres Caicedo: una lectura decolonial”, de Andrés Eloy Palencia Sampayo e Cristiane Navarrete Tolomei.

Naturalmente, esta apresentação não dá conta dos 16 artigos que compõem este número, menos ainda da complexidade que os envolve, mas tenta, admitindo-se panorâmica e, em muito, parcial, percorrer pontos tênues de contato entre cada um desses textos, com o objetivo de provocar leituras, reflexões e sua consequente divulgação.

Flavio García
Shirley Carreira
Organizadores